

Prostituição juvenil em Luanda.

Estudo de caso: Distrito Sapú 1 - nas Pedrinhas Kilamba Kiaxi.

Eunice Mafalanga da Silva¹

Resumo

Este trabalho buscou compreender como a prostituição infantojuvenil está sendo explicada pelos pesquisadores, utilizando um extenso levantamento bibliográfico de artigos científicos, nacionais e internacionais. Conseguiu-se acessar vinte referências, que foram analisadas integralmente segundo o método de Análise de Conteúdo. A análise consistiu em responder como esse fenômeno é representado pelo autor em relação aos conceitos, causas, efeitos e soluções apontados nas referências. Encontrou-se que os autores abordam o tema como um meio de sobrevivência, decorrente de uma sociedade desigual, adulto Centrica e machista, causando adoecimento mental e físico na criança.

Palavras – Chave: Prostituição. Adolescência. Violência. Violência sexual.

Abstract

This work sought to understand how child and youth prostitution is being explained by researchers, using an extensive bibliographic survey of scientific articles, both national and international. Twenty references were accessed, which were analyzed in full according to the Content Analysis method. The analysis consisted of answering how this phenomenon is represented by the author in relation to the concepts, causes, effects and solutions pointed out in the references. It was found that the authors approach the theme as a means of survival, due to an unequal society, adult Centrica and sexist, causing mental and physical illness in the child.

Keywords: Prostitution. Adolescence. Violence. Sexual violence

¹ Estudante do Curso de Psicologia, Turma: B, Sala 02, Tarde.

Introdução

O propósito em realizar um estudo sobre a prostituição na adolescência surgiu ao observar com frequência, a presença de jovens nas principais vias de acesso, situadas na cidade de Luanda, com a finalidade de fazerem programas sexuais. A importância deste estudo consiste, então, em despertar a atenção para a problemática do grande número de adolescentes muito jovens no campo da prostituição, como também, trazer subsídios para contribuir no desenvolvimento de novas investigações sobre essa temática, salientando, ainda, a relevância no campo da enfermagem, na medida em que representa uma possibilidade de contribuição ao trabalho com adolescentes, como concorda:

“A sexualidade está presente no ser humano desde a tenra idade. As crianças apresentam comportamentos sexuais conforme sua fase de desenvolvimento. O respeito à manifestação desses comportamentos é um direito da criança e cabe ao adulto assegurá-lo. A condição para um desenvolvimento sexual saudável consiste em permitir que a criança vivencie e conheça as atividades sexuais próprias da idade. Seu desenvolvimento pode tornar-se problemático quando a criança vivencia práticas inadequadas para sua faixa etária por interferência do adulto, vindo a caracterizar violência ou abuso sexual. (Ribeiro & Dias, 2009)”

Observa-se, de certa forma, que o crescente desenvolvimento de nossa cidade, associado ao aumento do turismo regional e local, tem propiciado um incremento significativo da prostituição na adolescência. Todo este problema é compactuado também por vários setores da sociedade, dentre os quais destacam-se as empresas de turismo, rede de hotéis, proprietários de motéis, casas noturnas, cafetões e cafenas, contribuindo assim, para o aliciamento dessas jovens.

Formulação do Problema

Esta problemática vem despertando então, em nossa sociedade, uma grande preocupação pelo crescente ingresso dessas adolescentes nesse ramo de actividade, como também, pelo aumento assustador das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e pela síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Considerando-se, então, a prostituição na adolescência como um problema de saúde colectiva, é necessário chamar a atenção das instituições públicas responsáveis pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, frente às características desse grupo etário em desenvolvimento, e vulnerável a todos os factores de riscos a que estão

expostos. Logo, para uma melhor compreensão do tema, achou-se pertinente a formulação da seguinte pergunta de partida: **O porque do grande número de jovens no campo da prostituição?**

Hipótese

Diante desse questionamento, levantou-se as seguintes **hipóteses**:

H1: Uma que se entrecruza com o conceito de exploração económica

H2: Outra que se refere à obtenção de prazer, com prejuízo de saúde mental de quem está sendo explorado.

H3: Serve também para adolescentes que, mesmo não tendo ainda uma consciência sobre a sua sexualidade e sobre o seu corpo, são levados a se prostituírem por diferentes motivos.

Objectivos do Trabalho

Identificar, nas referências do levantamento bibliográfico de publicações científicas nacionais e internacionais, como a prostituição juvenil é abordada em relação a: conceitos, causas, efeitos e soluções. Relacionar e analisar as categorias encontradas, utilizando o método de Análise de Conteúdo.

Objectivo Geral

Analisar as representações sociais e as relações estruturais em torno da prostituição infantil, presentes nos depoimentos prestados à Comissão Parlamentar de Inquérito que tratou dessa problemática.

Objectivos específicos

- Caracterizar a amostra de estudo segundo os dados demográficos (idade, sexo, Estado civil, ocupação)
- Detectar as causas mais frequentes que as jovens do estudo referem como razões para se prostituírem.
- Identificar as perspectivas de futuro dessas jovens diante da sociedade em que sobrevivem.

Justificativa do Tema

No entanto, a escolha recaiu sobre o presente tema pelas seguintes razões:

Por oferecer alguma facilidade no alcance de referências bibliográficas, demonstrando assim a relevância deste estudo. Participaram dez mulheres e emergiram quatro categorias: 1 - Compreensão da sexualidade; 2 - vivenciando conflitos e violência; 3 - vivenciando a sexualidade desprovida de prazer; 4 - vivenciando dissabores na sexualidade. O conhecimento sobre sexualidade e seu exercício foram limitados. Viver com a incontinência e o vírus contribuiu para uma relação conjugal e afetiva conflituantes, cercada de renúncias, limitações, violências de gênero, além de modificações e adaptações na vida, para aprender a conviver com a doença.

A pertinência desta investigação, também surgiu do interesse pessoal em compreender a importância deste tema, aprofundar os conhecimentos e despertar o interesse na realização de mais pesquisas.

I - Fundamentação teórica.

Nas referências levantadas, apreendeu-se que a prostituição juvenil é definida ora como uma exploração sexual comercial, enquanto uma transação de negócios com obtenção de prazer e prejuízos da saúde mental da pessoa explorada. Ora numa perspectiva voltada para o âmbito da saúde pública, ou seja, uma forma de violência contra o ser humano, com uma vida habituada ao maltrato e violação de seus direitos, uma dominação do adulto e do homem na sociedade. Segundo o Protocolo Facultativo para Convenção sobre os Direitos da Criança (Artigo 2b), relativo à venda de crianças, prostituição e pornografia juvenis, a prostituição juvenil é conceituada como: A utilização de uma adolescente em atividades sexuais mediante remuneração ou qualquer outra retribuição.

A realização da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Prostituição Infantojuvenil no ano de 1993 possibilitou, além de uma maior visibilidade desse fenômeno, uma intensa discussão que culminou na substituição da expressão prostituição infantil para exploração sexual comercial infantojuvenil. Essa nova concepção ajuda a elucidar o significado real do fenômeno. A ideia de exploração remete à ideia de violação dos direitos da criança e do adolescente.

“O sujeito vive como sendo o falo do Outro e só pode se extrair desta completude imaginária quando o Outro o nomeia e o permite se referir a alguma coisa que seja exterior ao espelho. Ela permite ao sujeito inscrever-se em uma relação gerida pelo gozo e optar por uma identificação sexuada. O sujeito faz parte do conjunto de homens sob a condição de aceitar, no princípio mesmo de sua castração, este ao menos um, a exceção paterna à lei fálica (Laure & Hoffmann, 2020)”

A condição de explorada deixa evidente a concepção de dominação, no caso, do adulto sobre a criança. Nesta condição, a criança não está apta a tomar iniciativas que transcendam seu nível de compreensão da situação na qual é envolvida². Ao contrário, a exploração sexual comercial de crianças constitui uma forma de coerção e violência que resulta num tipo de trabalho forçado e uma forma (camuflada) de escravidão ou questão de escolha profissional!

“A clínica nos ensina que o sujeito pode se autorizar alguns artifícios como a religião ou a prostituição, isto é, um saber fazer, que lhe permite prescindir-se do pai à condição de se servir dele (Laure & Hoffmann, 2020)”

O emprego de um conceito mais fidedigno é necessário para se visualizar melhor a problemática com o fim de adequar medidas públicas à realidade. A expressão exploração sexual caracteriza a situação de risco da criança envolvida e possibilita uma intervenção que considere os interesses socioeconômicos envolvidos. Algumas expressões empregadas pelos autores como, por exemplo, prejuízos da saúde, pessoa explorada, uma forma de violência, dominação do adulto, retratam a condição de vítima. A explicitação dessas expressões nas definições de prostituição sustenta a ideia de que a criança precisa ser ajudada, ao invés de ser censurada. A prostituição é vulgarmente entendida como uma troca consciente de favores sexuais por dinheiro ou por um outro bem em benefício pessoal³. Diz a lenda, que é a profissão mais velha do mundo, existem relatos da sua prática em 480 AC, e algumas civilizações tinham um lado até religioso na relação, mas hoje a religião condena, conforme os vários artigos do livro “A vida Sexual dos Papas” de Nigel Cawthorne, pelo que algumas reivindicam direitos do serviço prestado;

“revisão de padrões injustos de reconhecimento, possibilitando que essas mulheres sejam dignas de estima social e alcancem autorrealização e autoestima. As próprias reivindicações das prostitutas se relacionam com as

² A concepção de exploração sexual respeita a condição peculiar da criança como ser em desenvolvimento, referida no Estatuto da Criança e do Adolescente.

³ A Prostituição, um tema polêmico, uma das mais antigas profissões e uma realidade dos nossos dias.

condições de trabalho verificadas no baixo meretrício. Por outro lado, é fundamental considerar a crítica de Thaddeus Blanchette e Ana Paula da Silva (2009) de que essa forma de categorização que considera baixo, médio e alto meretrício promove uma confluência entre dinâmicas econômicas e julgamentos morais, escondendo a multiplicidade de modalidades de serviços e valores oferecidos pelas mulheres que se prostituem. Inclusive, em termos da própria formação recente das associações de prostitutas, essas noções encobrem a diversidade de pessoas envolvidas direta ou indiretamente em suas ações. (Lorena, 2020)”

Muitos nunca admitirão que já tiveram uma relação sexual com uma prostituta, mas em muitos casos a verdade é diferente e contam-se com dedos de homens limpos desta prática. Os locais, os sites, os contactos das empresas, locais e mulheres que oferecem estes serviços são tão conhecidos entre os homens como se conhecem as equipas de futebol. Os grandes problemas é que todos negam, ninguém está interessado em falar abertamente deste assunto, que vai desviando a sociedades e destruindo lares e famílias⁴. Segundo o Novo Jornal, na sua publicação assinado por Isabel João, afirma que, cada vez mais há angolanos a encontrarem na prostituição a fuga para a pobreza, e que a prostituição se instalou em diversas áreas de Luanda, arrastando muitas adolescentes que não resistem ao apelo ao “dinheiro fácil”. Moradores e famílias vêm-se incapaz de travarem o fenómeno, como são os exemplos disso, o que acontece em casas nocturnas, na baixa da cidade de Luanda, Panguila, Zango, Benfica, Ramiro entre outros pontos férteis a essa prática, cujos lucros financeiros estão desprovidos de impostos tributários ao Estado Angolano.

“Diante desse panorama multifacetado de abordagens proponho a inclusão de outra problemática, que requer a recuperação dos diversos sentidos atribuídos à reivindicação por regulamentação. Se em primeira instância tal demanda está vinculada ao legislativo em face da afirmação da prostituição como trabalho, em uma camada mais profunda ela dialoga com um ideal de justiça social estabelecido intersubjetivamente pelas profissionais do sexo. Compreender a regulação profissional como uma linguagem de justiça implica demonstrar seus três principais elementos (todos relacionados a noções distintas de reconhecimento e de justiça): a) uma reformulação do *status* social da prostituta, acompanhado da ampliação de sua

⁴ A fim acabo, as culpas todas recai as mulheres, e nos esquecemos de olhar, as causas e as acções que alimentam este mal social.

representação política; b) uma reivindicação por estima, tanto em relação às pessoas envolvidas no sexo comercial quanto em relação ao trabalho exercido; c) uma denúncia da precariedade da prostituição, associada diretamente ao valor moral inferior atribuído às prostitutas e à sua atividade profissional. (Lorena, 2020)”

Também são incapazes de posicionar-se contra o grande fluxo de jovens oriundo da Namíbia, Brasil e da República Democrática do Congo, instalados no norte, centro e sul do país, fazendo da prostituição uma fonte de sobrevivência. O assunto é de domínio público e os efeitos nocivos destas práticas também o são, mas tanto o governo como a sociedade civil preferem colocar o tema em gavetas enquanto famílias são destruídas. É difícil identificar uma única causa para este mal, mais é consensual que a pobreza, a má educação empurra os jovens a prostituição⁵. Como entender que, jovens de famílias abastardas, com boa educação e algumas figuras públicas, e ainda assim, envergam-se a este caminho que em nada os dignifica. Precisamos mobilizar a sociedade e partilhar estas informações, a prostituição em Angola é uma realidade, é um facto e uma verdade. Há jovens, crianças e famílias inteiras com o futuro comprometido por conta deste mal, que pela evolução do fenómeno, não nos surpreende ver a prostituição a tornar-se muito em breve num caso de saúde pública no país.

2.1 Causas

Dentre as causas apontadas pelos autores para o problema da prostituição juvenil, as situações de extrema pobreza, oriundas das desigualdades sociais, foram as mais citadas. Os autores destacam a prostituição como uma forma de sobrevivência diante da falta de condições económicas básicas, mas mencionam outros factores associados. A hegemonia masculina em relação à mulher e a dominação do adulto sobre a criança são factores influentes uma vez que o machismo e o adultocentismo, por essência, violam os direitos do outro. Além disso, a violência e o abuso sexual na infância também são factores que propiciam a iniciação na exploração sexual por parte da visão social e por outra, contrariada aos aderentes que querem ver a profissão institucionalizada.

“Em meio à profusão de reivindicações que inicialmente podem parecer dispersas, busquei identificar os traços comuns que permitiam unir

⁵ As redes sociais também são apontadas com um forte estímulo a esta prática, mas ainda assim, os factores indicados não justificam em todo os altos níveis de prostituição.

demandas tão diversificadas. A partir dessa primeira incursão percebi quatro eixos centrais para os quais elas estão voltadas: a) regulamentação, central para a discussão da prostituição como trabalho; b) acesso à saúde, preventiva e curativa; c) redução da violência nas casas de prostituição, nas relações com os clientes e diante das forças policiais; d) transformação de representações sociais das prostitutas e dos padrões de desrespeito. (Santos & Lago, 2020)”

A criança que sofre violência, sexual ou não, torna-se susceptível à exploração de qualquer natureza, uma vez que a violência tende a lesar sua integridade psíquica. Há uma estreita relação entre o abuso sexual vivido pela criança no meio familiar e sua iniciação na prostituição. A criança que tem antecedentes de abuso sexual vivencia um processo de rebaixamento da autoestima que, associado a uma cumplicidade com o abusador e obediência a ele, a torna vulnerável à prostituição.

Além da pobreza e do abuso sexual na infância, o uso de substâncias psicoativas (álcool e drogas) também foram referidos pelos autores como causas que predisõem à prostituição. O envolvimento no tráfico de drogas e o alcoolismo podem ser factores que desencadeiam a prostituição ou que decorrem dela, sendo ora causa, ora efeito do fenómeno⁶. Quanto mais jovem a criança adentra na rede do tráfico das drogas, e conseqüentemente na prostituição, pior é sua expectativa de vida. O envolvimento de crianças ou jovens com a droga pode ser decorrência da permissividade na família desde a infância. Nesse caso, a criança vive sem limites. Quando falta o controle da família, os abusos começam a acontecer. Se os primeiros anos de vida da criança forem frustrados por ausência ou excesso de zelo familiar, a criança não completa seu ciclo de formação da personalidade, envolve – se no mundo do mercado paralelo, onde os Comerciantes Estrangeiros cruzam com clientes famintos;

“Diferentemente da recente atenção dada às marcas do gênero nos fluxos migratórios, sexo e sexualidade têm recebido pouca ênfase nas pesquisas sobre migração. Sabemos que grupos de pessoas supostamente heterossexuais que se engatam em fluxos migratórios motivados pelo “turismo sexual”, que podem, ou não, envolver prostituição. Esse/as autor/as destacam, no entanto, que a maior parte dessas discussões acaba não focando nos afetos que

⁶ Enquanto causa, a convivência da criança com familiares ou amigos usuários de drogas podem levá-la ao consumo e, para sustentar seu vício, inicia-se nos caminhos da prostituição.

entremeiam tais práticas: “[...] os afetos, sobretudo as emoções das pessoas de regiões pobres do mundo, têm recebido comparativamente escassa atenção, como se a importância adquirida pelos aspectos econômicos e sexuais apagasse as demais dimensões presentes nesses encontros, admite” (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011:08), retomado na Obra de (Santos & Lago, 2020)”

Esse processo incompleto de personalidade dificulta ou impede que a criança se sinta segura, independente e capaz de enfrentar situações novas sozinha. Na puberdade, o jovem sente necessidade de mostrar que é auto-suficiente. Esse ímpeto pela independência e o sentimento de onipotência o leva às drogas. Esta dá a ilusão de suprir todas suas necessidades. E ainda, pode não mais sentir carência de afecto e de cuidado porque julga bastar-se com a droga.

Enquanto efeito, o uso de drogas é um modo das meninas aguentarem a vida de rua, uma vez que a exploração sexual as leva a vislumbrar seu uso como forma de tolerarem as humilhações a que são submetidas, os danos emocionais e físicos e a convivência com a baixa autoestima e a autoimagem negativa que desenvolvem nesse processo.

2.2 Efeitos

Os efeitos sobre as crianças e adolescentes em situação de exploração sexual, referidos pelos autores, dizem respeito a: discriminação social, insultos, estigmas; redução da autoestima, desenvolvimento de psicopatologias, narcodependência; danos físicos, gestação precoce, ocorrência de abortos; relutância em reinserção em seus lares e escola, dependência econômica dos parceiros sexuais (clientes com os quais se envolvem afetivamente); tráfico e turismo sexual, e pornografia infantojuvenil. As atitudes das pessoas vistas como normais em relação a grupos minoritários assumem distintas formas de discriminação. Esta se fundamenta numa lógica que inferioriza quem é estigmatizado devido ao perigo que essa pessoa representa. As pessoas que contrariam o padrão de comportamento social são marginalizadas pelo cidadão comum. Este, com conhecimentos restritos, analisa um contexto na forma como o fenômeno se manifesta, desconsidera sua essência. Não é capaz de identificar as causas, as interfaces e a complexa estrutura que levam a criança ou o jovem a se envolver em situações ilícitas, tais como mudança de residência, fuga de localização geográfica dos seus familiares etc.:

“Os homens trabalhadores do sexo também estão envolvidos nesses movimentos de desterritorialização, seja através de migrações pendulares, internas e/ou externas. As mobilidades empreendidas por tais sujeitos tanto podem representar movimentos migratórios a partir dos quais se busca estabelecer moradia fixa em uma nova localidade, como também podem compor aquilo que os *boys* costumam chamar de *temporadas*, ou seja, a permanência em uma região por um período de tempo que é determinado pela demanda local dos clientes. (Santos & Lago, 2020)”

A criança discriminada e identificada com o estigma de prostituta convive com situações de exploração, humilhação, sofrimento e exclusão. Além de ser responsabilizada pela opção que supostamente fez, fica impedida de romper com o lugar social que lhe foi destinado. Essa responsabilização da criança configura uma violência institucional porque desobriga a sociedade e o Estado à criação de políticas públicas para sua protecção. O sofrimento decorrente da discriminação possibilita o acometimento da baixa autoestima da criança, reduzindo seu potencial de enfrentamento para lidar com a situação de estresse que a condição de exploração gera.

“A baixa autoestima influencia a concepção da criança em relação a sua autoimagem, desencadeando comprometimento emocional e o desenvolvimento de psicopatologias como a depressão. Numa sociedade competitiva é inevitável que a autoestima, em parte, decorra da posição e prestígio social que o indivíduo ocupa. O status socioeconómico e o fato de pertencer a um grupo minoritário afectam o desenvolvimento da autoconsideração e da identidade. (Junqueira, 2002)”

As atitudes de pena e desprezo fazem com que a criança se sinta defeituosa. A imagem que tem de si torna-se negativa dependendo da relação com o outro. Além dos danos psíquicos, a criança explorada sofre constantes danos físicos por maus tratos de seus aliciadores ou dos próprios clientes, por estar vulnerável às doenças sexuais e devido à gestação precoce e indesejada. Aliada a essa situação de risco, o retorno da criança a sua família enfrenta grande dificuldade, pois advém de uma família desintegrada que necessita de auxílio para se restabelecer e estar em condição de receber novamente a criança.

2.3 Soluções

As soluções apontadas pelos autores consistiram em intervenções relativas a abordagem da família para restauração dos vínculos familiares; elaboração de políticas públicas eficazes contra as injustiças sociais e exclusão social; acesso à educação e às condições dignas de trabalho; articulação interdisciplinar da saúde pública com outros serviços; capacitação específica para os profissionais de saúde; acções de prevenção, recuperação e protecção da saúde; promoção da conscientização dos direitos na infância; rastreamento e controle da pornografia infantil; penalização dos estelionatários; e desenvolvimento de mais pesquisas sobre o tema.

“No que tange à família, os autores defendem que esta deve ser valorizada enquanto espaço essencial à produção da identidade social e desenvolvimento da autoestima da criança com vistas à formação do cidadão. Ela é a responsável pelo apoio necessário ao desenvolvimento biopsicossocial dos seus componentes, desempenha um papel construtivo na educação formal, na absorção de valores éticos, morais e humanitários. (Brasil., IMESP - 1993)”

É necessário sensibilizar os órgãos públicos para construção de programas de atenção integral não só à criança, mas também a sua família. O problema da prostituição infantil é de uma ordem de grandeza que transcende o âmbito da saúde. Para viabilizar a implementação de políticas públicas, as intervenções governamentais devem abranger diversos sectores da sociedade articulados entre si sob a regência do governo federal. Cabe a este a construção de uma rede institucional de atendimento que integre diversos sectores da sociedade: a saúde, o judiciário, o terceiro sector e o cidadão. Algumas medidas já estão implementadas, como o disque denúncia, os conselhos tutelares, as delegacias da mulher, alguns centros de atendimento de saúde, mas falta articular os serviços em rede e envolver outros sectores importantes da sociedade como, por exemplo, a educação.

“ É preciso capacitar professores a identificar indícios da violência sexual. Em geral, a criança estabelece vínculo afectivo com a professora. Esta proximidade favorece a revelação de segredos da criança; razão pela qual a professora precisa estar preparada para lidar com as revelações, que normalmente são sutis, discretas e imbuídas de conteúdos implícitos. (Drezett J, SOGESP - 2004) “

E ainda, é indispensável incentivar a educação sexual nas escolas que promova o debate sobre ética no exercício da sexualidade. Por estarmos vivendo um momento complexo de construção dos valores sexuais devido às várias modificações de postura, de condutas e do modo de perceber a sexualidade nas últimas décadas, as novas concepções levam a entender o fenómeno da prostituição em âmbito mais complexo. Além dos educadores, os profissionais de saúde também necessitam desenvolver mecanismos para identificar sinais de violência. Pesquisas podem ajudar a elaborar instrumentos para construir indicadores de violência. O governo e as empresas devem e podem prover recursos para incentivar demais pesquisas com distintos enfoques: perfis epidemiológicos da violência, estudos conceituais, proposições de intervenção à saúde, entre outros. Outras acções fazem-se necessárias, como a implementação de mecanismos que permitam o rastreamento dos usuários de pornografia infantil através do monitoramento sistemático da Internet. Nesse âmbito de acção, é importante a iniciativa de cada cidadão. É preciso sensibilizar e conscientizar a população de que a prevenção da violência depende da implementação de políticas públicas em conjunto com o exercício da cidadania. A população precisa ser esclarecida que o sucesso das acções públicas depende também da contribuição de cada cidadão. Este precisa ser ativo nos programas de redução da violência.

II - Metodologia

Depois da explanação do capítulo contextual, como forma de proceder-se a compreensão mais detalhada do tema ao ser estudado, passou-se a fase metodológica, onde foi delineado o caminho à ser seguido durante a investigação. É de referir que, nesta fase, estabelecem e justificam-se as escolhas metodológicas (tipo de estudo, abordagem, campo científico), indica-se os instrumentos de recolha de informações, apresenta-se e analisa-se os resultados.

Todo trabalho de pesquisa deve ter uma base metodológica científica que permita a organização crítica das práticas de investigação, no entanto, esta não deve ser reduzida aos seus métodos e técnicas, a investigação consiste em alargar o campo do conhecimento na disciplina a que diz respeito e facilitar o desenvolvimento desta ciência.

2.1 Tipo de Estudo

Para alcançar os objectivos propostos, optou-se por um estudo descritivo, com abordagem quantitativa. A pesquisa de carácter descritivo pode ser utilizada para descrever as

dimensões, as variações, a importância e o significado dos fenómenos, tal como o nosso Artigo. Já a abordagem quantitativa se traduz por tudo aquilo que pode ser quantificável, ou seja, irá traduzir em números as opiniões e informações para então obter a análise dos dados e, posteriormente chegar a uma sugestão conclusiva.

2.2 População e Amostra

O universo de pesquisa do presente trabalho compreende uma população correspondente as 10 prostitutas das Pedrinhas (Calemba2). Uma vez que a amostra é uma parcela convenientemente seleccionada do universo (população), ou seja, é um subconjunto do universo, deste valor extraímos uma amostra de 10 prostitutas.

2.3 Procedimento de recolha de dados

Como instrumento de colecta de dados foi utilizado e aplicado um questionário estruturado - criado pelos autores para este fim específico.

Questionário: Instrumento que permitiu a recolha de informações de forma escrita por parte dos sujeitos sendo constituído por um conjunto de enunciados, onde utilizou-se o questionário fechado onde as perguntas foram directas para uma melhor compreensão.

2.4 Apresentação e análise dos resultados

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados de acordo com a idade.

Idade	Nº de entrevistados	%
15-17	7	70
18-19	2	20
20-24	1	10
Total	10	10

Fonte: Questionário aplicado aos funcionários.

É possível perceber a partir do quadro acima exposto que dos 10 funcionários das Pedrinhas (Calemba2) que responderam ao questionário, 7 estão na faixa etária de 15 a 17 anos, 2 encontram-se na faixa etária de 18 a 19 anos, apenas 1 dos funcionários encontra-se na idade compreendida entre 20 a 24.

Tabela 2. Distribuição dos entrevistados de acordo ao sexo

Sexo	Nº de entrevistados	%
Masculino	1	10
Feminino	9	90
Total	10	100

Fonte: Questionário aplicado aos funcionários.

O quadro demonstra claramente que dos 10 funcionários que responderam ao questionário, 9 são do sexo feminino e 1 do sexo masculino.

Tabela 3. Distribuição dos entrevistados de acordo ao nível de escolaridade.

Nível de escolaridade	Nº de entrevistados	%
Técnico médio	1	10
Ensino de Base	3	30
Não passaram na escola	6	60
Total	10	100

Fonte: Questionário aplicado aos funcionários.

No que diz respeito ao nível de escolaridade, é crível perceber através do gráfico acima exposto, que dos 10 funcionários do Centro Comercial Escravo do Lazer que responderam ao questionário, 1 é técnico médio, 3 pararam no ensino de base e 6 nunca passaram pela escola.

Tabela 4. Distribuição dos entrevistados de acordo com a prostituição.

O que as leva nesse mundo:	Nº de entrevistados	%
As situações de extrema pobreza	5	50
A violência e o abuso sexual na infância	2	20
O uso de substâncias psicoactivas (álcool e drogas)	3	30
Total	10	100

Em relação a questão: O que as leva nesse mundo: às situações de extrema pobreza. A violência e o abuso sexual na infância. O uso de substâncias psicoactivas (álcool e drogas).

Considerações finais.

A elucidação dos conceitos, das causas, dos efeitos e das soluções apontadas pelo levantamento bibliográfico realizado permitiu entender que o fenómeno da prostituição juvenil se configura num contexto que revela uma condição social de existência e sobrevivência num meio violento. O fenómeno da exploração sexual comercial juvenil não é apenas um fenómeno individual ou social, mas um fenómeno que se configura em uma diversidade de factores psicossocial, económico e histórico. As associações frequentes entre prostituição, pobreza, drogas, doenças e vida nas ruas estão associadas à violência estrutural. Esta é inerente à forma de organização socioeconómica e política de uma sociedade pautada numa desigualdade que gera exclusão social. Nessa sociedade, a criança sexualmente explorada sofre múltiplas opressões. Por ser em sua maioria do género feminino, por não ser adulta ainda e, muitas vezes, por viver nas ruas, tem muitos direitos negados.

“A violência contra a criança é fruto de concepções históricas e políticas do *ser criança*. A sociedade nunca a tratou com os mesmos direitos que o adulto. Este exerce, no cotidiano, um domínio além do exercício da autoridade de pais, professor, etc. A relação de inferioridade da criança frente ao adulto é abordada em estudos sobre a história da infância no mundo. A hegemonia do adulto sobre a criança é uma forma de autorização velada, sutil, que favorece a ocorrência de distintas manifestações da violência contra a criança, seja em âmbito familiar ou extrafamiliar. (Ribeiro & Dias, 2009)”

A exploração sexual é fruto da violência estrutural, portanto cabe ao Estado cumprir seu papel como promotor dos direitos desse grupo minoritário, porém numeroso, beneficiando-o com políticas públicas eficazes que possibilitem o acesso aos benefícios sociais. Prostituição: um dos territórios onde se institucionaliza o sexo, além de servir para a promoção de uma forma de produção de capital. Mas pertencer a esse segmento imprime alguns sentidos do uso estético do corpo no exercício de uma ética da vida.

“Ressalta-se a importância, dessa pesquisa, na medida em que explora as experiências de um grupo específico de mulheres cujo adoecimento é pouco estudado e a invisibilidade dos problemas vividos por elas implicam na qualidade da assistência prestada. Este estudo contribui para que Estudantes do ISPT e Leitores, compreendam como essas mulheres experienciam a sexualidade, face às limitações impostas pela incontinência e o vírus, e

subsidiar o planejamento de um cuidado especializado. Entretanto, não se pretende construir uma generalização da sexualidade, mas provocar uma discussão a partir das interpretações das narrativas de mulheres que vivem em uma sociedade com poucos esclarecimentos a respeito do tema, conforme acreditam escritores (Ravssa, Paiva, & Carvalho, 2016, pp. 47 - 52)”

Em suma, é importante conhecer essas ocorrências e sua caracterização para direcionar a implementação de ações de saúde capazes de promover a melhoria da qualidade de vida e evitar situações de violência por meio de medidas preventivas e protetoras. O estudo pode auxiliar a compreender os fatores associados à ocorrência da violência contra a mulher, dando visibilidade e sensibilizando profissionais sobre esse problema de saúde pública. Diante desse cenário, justifica-se a relevância do presente estudo, cujo objetivo foi analisar as notificações diárias que acontecem na nossa urbe – Luanda.

Bibliografia

- (WHO), W. H. (1999). *Report of the Consultation on Child Abuse* . EUA: Prevention Geneva.
- BRASIL., F. S. (IMESP - 1993). *Direitos da Criança e do Adolescente*. Sao Paulo Brasil : Sao Paulo.
- DREZETT J, J. L. (16 de Agosto de SOGESP - 2004). Contribuição ao abuso sexual contra adolescente. *Caderno de Resuumo do 9 Congresso de Ginecologia Obstericia da SOGESP*.
- JUNQUEIRA, M. (2002). Violencia e abuso sexual infantil. *Aposta Clinica - CadPsicanal SPCRJ*, pp. 209 - 226 .
- LAURE, W., & Hoffmann, C. (Setembro de 2020). Autorizar - se a Sexualidade na Adolescencia. *Agora (Rio J)*, pp. V.23, n 3 p. 66 - 71.
- LORENA, C. (2020). A Regulamentação da Prostituição é uma Demanda por Justiça. *Revista Brasileira de Ciencias Sociais*, pp. v. 35, n. 103, e 3510310.
- MCP, S. (2007). Sexualidade Começa na Infancia. Caracteristicas da sexualidade infantil de zero a seis anos. *Casa do Psicologo*, pp. 238 - 45.
- MD, P. (Contexto 1999). Historia da Criança no Brasil. *Organizadora* .
- RAVSSA, P. F., Paiva, M. S., & Carvalho, E. S. (Fevereiro de 2016). Vivencia sexual e afectiva de mulheres com incontinencia urinária secundaria ao HTLV. *Acta paul. Enferm. Sao Paulo.*, pp. v. 29, n. 1, p. 47 - 52. .
- RIBEIRO, M. O., & Dias, A. d. (Junho de 2009). Prostituição intanto - juvenil. *Revisao sistemática da literatura. Revista Esc. Enferm. USP - Sao Paulo.*, pp. v. 43, n2 p. 465 - 471.
- SANTOS, D. K., & Lago, M. C. (2020). Homens Brasileiros no mercado transnacional do sexo. *Apontamentos sobre trabalho sexual, migrações, discursos e imaginarios - Cad. Pagu - Campinas*, p. 58 e205812.